



A SALVAÇÃO DO MUNDO

PEÇA EM TRÊS ACTOS

de
JOSÉ RÉGIO

TEATRO MUNICIPAL DE
SÃO LUIZ





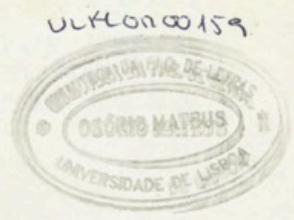
JOSÉ RÉGIO

RETRATO DE LAURO CORADO

7094 AN 02 225J

200.W

TEATRO MUNICIPAL DE
SÃO LUIZ



A P R E S E N T A

A SALVAÇÃO DO MUNDO

PEÇA EM TRÊS ACTOS DE
JOSE RÉGIO

ENCENAÇÃO DE
COSTA FERREIRA

CENOGRAFIA E FIGURINOS DE
ARTUR CASAIS

COLABORAÇÃO MUSICAL DE
LUÍS COSTA GOMES

CENÁRIOS EXECUTADOS POR
HERNÂNI E RUI MARTINS

GUARDA-ROUPA DE
ANAHORI

GRUPO «D» MAIORES DE 18 ANOS

NOVEMBRO DE 1971

ANTOLOGIA CRÍTICA
SOBRE O TEATRO DE
JOSÉ RÉGIO

TEXTOS DE

ALVARO RIBEIRO, ANTÓNIO BRAZ TEI-
XEIRA, ANTONIO QUADROS, ANTONIO
RAMOS DE ALMEIDA, ARMANDO MARTINS,
ARMANDO VENTURA FERREIRA, DUARTE
IVO CRUZ, EUGÉNIO LISBOA, JORGE
DE SENA, JOSÉ MARINHO, LUCIANA
STEGAGNO PICCHIO, LUIZ FRANCISCO
REBELLO, MÁRIO VILAÇA, NATÉRCIA
FREIRE, OSCAR LOPES, TOMÁS RIBAS
E URBANO TAVARES RODRIGUES

O teatro de José Régio renova a dramaturgia clássica pelo seu génio de imaginação psicológica. Em vez de servir a rotina simplista dos sujeitos habituais com predicados também habituais, José Régio instala a contradição nas consciências que falam, e logo insinua um elemento romântico numa construção essencialmente clássica. Assim as roupagens, os predicados ou títulos atribuídos às personagens por uma sociologia simplista, sofrem na acção uma inversão que os torna irreconhecíveis ou que dissipa as ilusões tradicionais e desse modo denuncia as contradições através das quais se transforma a sociedade contemporânea.

ALVARO RIBEIRO

«A Literatura de José Régio», 1970

Deus e o homem, eis os dois pólos da dialéctica dramática de Régio. Um Deus que ora se afirma como Absoluto, Espírito onnipotente e puro, ora se concebe como um ser cindido no acto de criação, em cujo seio será absorvido o homem liberto pela morte. Se a criação fora a raiz do mal, se nem ele nem o Diabo têm existência absoluta, só o Espírito reina plenamente. Só por Ele e nEle o homem se redime. A redenção, porém, é puramente individual — cada homem está irremediavelmente só com o seu sofrimento. Só rendendo-se ao Espírito, humilhando-se, recusando-se ao mundo, morrendo e ressuscitando, — pois o único sofrimento real é o de não ser Espírito, o de ser o homem, cada homem, um ser desgarrado e exilado do Espírito, — é possível a cada um redimir-se. Fazê-lo compreender, aceitar e viver é a missão do Bobo de *Jacob e o Anjo*, o tentador divino enviado à conquista das almas, a mensagem incomunicada do Desconhecido de *O Meu Caso*, o novo Evangelho do Profeta de *A Salvação*

do Mundo, o segredo do Sapateiro Santo de *El-Rei Sebastião*. Sabem-no ou pressentem-no também aqueles que rondam a fronteira da loucura, os que vivem a cavalo entre dois mundos, os que penetram em mais do que um dos múltiplos planos da realidade, como Benilde ou a Rainha-Mãe de *A Salvação do Mundo*; aprendem-no, sofrendo ou assumindo em si o alheio sofrimento ou as exigências mais duras e libertadoras do próprio Destino, o Rei de *Jacob e o Anjo*, Eduardo, o impossível noivo de *Benilde*, D. Sebastião, Pedro da Traslândia ou Mário. Anunciá-lo a todos, para que cada um, como Cristo, morra e ressuscite, é o papel do Profeta da nova religião, a do quinto Evangelho, o Evangelho do Espírito, que está em branco, pois a letra mata e só o Espírito é sinal e penhor da Vida.

Nesta proposta sibilina, no anúncio da nova religião do futuro, superadora de doutrinas rígidas, seitas antagônicas e religiões parcelares, se contém o essencial da mensagem ecumênica de um dos maiores dramaturgos do nosso tempo.

ANTÔNIO BRAZ TEIXEIRA

«Sobre o Teatro Religioso de José Régio»,
in «Espirai», n.º 6-7, 1965

Assumindo corajosamente a sua responsabilidade de poeta da imanência e da transcendência, tem José Régio afirmado a sua mensagem espiritual em qualquer dos três géneros literários em que estes planos de realidade se encontram. Se o lirismo é o mais imanente dos géneros porque o seu intrínseco sentimentalismo subjectiva necessariamente toda a presença do anterior ou exterior à esfera do «eu», mesmo quando de natureza religiosa e de tendência dramatizante (*Poemas de Deus e do Diabo, Mas Deus é Grande*), o teatro será o que mais patenteia a revelação de uma transcendência, como se pode verificar por uma linha contínua que, vinda de Ésquilo e Sófocles, tem os seus pontos mais altos num Gil Vicente, num Shakespeare, num Goethe, num Claudel. Paradigmas de uma dramatização da condição humana assumida ou dinamizada ou salva pela condição trans-humana, são na verdade as tragédias gregas, os autos vicentinos e obras mais modernas como o *Sonho de uma Noite de Verão*, o *Fausto* ou a *Anunciação a Maria*. São-no, também, *Benilde* e *Jacob e o Anjo*.

ANTÔNIO QUADROS

«A Existência Literária», 1959

CRONOLOGIA
DAS EDIÇÕES E REPRESENTAÇÕES
DO TEATRO DE
JOSÉ RÉGIO

1. SONHO DUMA VESPERA DE EXAME

Fantasia em 1 acto, inédita

Representada no Teatro Portalegrense a 30 de Março de 1936, em récita dos alunos do Liceu de Mouzinho da Silveira, com música de José Cordeiro e cenários e figurinos de João Tavares. Distribuição das principais figuras: *Aritmética*, Maria do Carmo Barreto; *Ciências*, Margarida de Oliveira; *Ortografia*, Maria Rosa Pires; *João*, Artur Semedo; *Juiz Presidente*, João Carlos Meira; *Luís*, Luís Martins do Rio; *Acento Grave*, Giordano Correia; *Acento Agudo*, António Almeida Dias; *Acento Circunflexo*, António Sande Freitas.

2. JACOB E O ANJO

Mistério em 3 actos, um prólogo e um epílogo.

Dois fragmentos publicados na «Presença», n.º 28, Agosto-Outubro de 1930 e n.º 31 e 32, Março-Junho de 1931.

Texto publicado na «Revista de Portugal», n.ºs 1, 2, 4 e 6 (1937-1939); no «Primeiro Volume de Teatro» (1940); 2.ª edição em 1953; 3.ª edição em 1964.

Tradução italiana de Giuseppe Carlo Rossi em «Teatro Portoghese e Brasileiro», Milão, 1956; tradução espanhola de Victor Aúz em «Teatro Português Contemporâneo», Madrid, 1961; tradução francesa de André Raibaud, revista por J. B. Jeener (inédita).

1.ª representação (em tradução francesa) no «Studio des Champs-Élysées», de Paris, em 31 de Dezembro de 1952, numa encenação de Jacques Charpin, com cenários e figurinos de Jean-Denis Maillart e música de cena de Yves Claoné. Distribuição (por ordem de entrada em cena): *O Rei*, Jacques Charpin; *O Bobo*, Jean-Marc Lambert; 1.º, 2.º e 3.º *Guardas*, Jean Fuller, Jean Amadon e Abdoulaye Dramé; *Generalíssimo*, Gabriel Jabour; *Físico*, Altabert; *A Rainha*, Françoise Adam; 1.ª e 2.ª *Aias*, Jacqueline Dives e Claire Stefani; *Poeta Oficial*, Luís de Lima; *Sumo Sacerdote*, Jean-Pierre Litnac; *Juiz Supremo*, Jacques Jeannet; *O Duque*, Robert Postec; *Embaixador*, Jean Fuller; *Enfermeiro*, Jean Amadou.

1.ª representação em Portugal pela companhia do «Teatro Popular de Lisboa», em 22 de Maio de 1968, numa encenação de Orlando Vitorino, com cenários e figurinos de Pinto de Campos. Distribuição (por ordem de entrada em cena): *O Rei*, Augusto de Figueiredo; *O Bobo*, Carlos Duarte; 1.º e 2.º *Guardas*, Jacob Picoto e Victor Hugo; *Generalíssimo*, Joaquim Miranda; *Físico*, Andrade e Silva; *A Rainha*, Madalena Sotto; 1.ª e 2.ª *Aias*, Teresa Mónica e Maria Tavares; *Poeta Oficial*, Henrique Viana; *Sumo Sacerdote*, Alves da Costa; *Juiz Supremo*, Assis Pacheco; *O Duque*, António Machado; *Embaixadores*, Sande Freire e Ricardo Alberty; *Enfermeiro*, Alberto Inácio.

3. TRÊS MÁSCARAS

Fantasia dramática em um acto.

Texto publicado na «Presença», n.º 41-42 (Maio de 1934); no «Primeiro Volume de Teatro» (1940); em «Três Peças em Um Acto» (1957; 2.ª edição, 1969).

Transmitida pela Rádio-Televisão Portuguesa em 15 de Abril de 1970, numa realização de Pedro Martins, com cenários de Moniz Pereira. Distribuição: *Columbina*, Manuela de Freitas; *Pierrot*, João Mota; *Mefistófoles*, João Perry; *A Dona da Casa*, Margarida Mauperrin; *Um casal de mascarados*, Linda Bringel e Vasconcelos Viana.

4. BENILDE OU A VIRGEM-MÃE

Drama em 3 actos.

Texto publicado em 1947; 2.ª edição em 1970; incluído na antologia «Teatro Português — Do Romantismo aos Nossos Dias», organizada por Luiz Francisco Rebello (1961).

Tradução italiana de G. Becchari e Oscar Cecchi, publicada na revista «La Commedia», ano 4, n.º 6, Dezembro de 1948.

1.ª representação no Teatro Nacional de D. Maria II em 25 de Novembro de 1947, numa encenação de Amélia Rey-Colaço, com cenários de Lucien Donnat. Distribuição: *Benilde*, Maria Barroso; *Eduardo*, Augusto de Figueiredo; *Melo Cantos*, Erico Braga; *Padre Cristóvão*, Samwell Dinis; *Etelvina*, Amélia Rey-Colaço; *Genoveva*, Luz Veloso; *Dr. Fabrício*, Robles Monteiro.

5. EL-REI SEBASTIAO

Poema espectacular em 3 actos.

Texto publicado em 1949.

6. A SALVAÇÃO DO MUNDO

Tragicomédia em 3 actos.

Texto publicado em 1954; 2.ª edição em 1968.

1.ª representação na Casa da Comarca de Arganil, pelo Grupo Cénico da Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa em 28 de Abril de 1956, numa encenação de Claude-Henri Frêches, com apontamentos coreográficos de Bento José da Câmara, maquetas e cenários de Agostinho de Castro e Dmitri Ganzelévitch. Distribuição (por ordem de entrada em cena): *Pedro I*, António Palma Sequeira; *Chefe do Partido Aristocrático*, Fernando de Almeida Jardim; *Chefe do Partido Democrático*, António Zincke dos Reis; *Chefe do Partido Extremista*, Carlos Milheirão; *Primeiro Ministro*, José Gomes Correia; *Secretário Particular*, Jorge de Sá Borges; *Rainha-Mãe*, Maria Francisca dos Santos; *Aia*, Lezita Chaves; *Jerónimo*, António Malaquias de Lemos; *Manuel Fidúcias*, Mário Marchante; *Mestre Florêncio*, Lima Luz; *Gandaia*, Carlos Eduardo Machado; *Necas*, Fernando Midões; *Velho Operário*, Agostinho de Castro; *Mirita*, Josélia Teresa da Silva; *Caranguejo*, Carlos Matias; *Mochó*, José Vaz Pereira; *Profeta*, Walter Sampayo; *Pipocas*, Lucinda Pires; *Bibi*, António Mário Carqueijeiro; *Jornalista*, João Paulo Monteiro.

Representada pela Companhia do Teatro Municipal de São Luiz em Novembro de 1971, numa encenação de Costa Ferreira, com cenários e figurinos de Artur Casais e a colaboração musical de Luís Costa Gomes. Distribuição (por ordem de entrada em cena): *Pedro I*, João Lourenço; *Chefe do Partido Aristocrático*, Alvaro Benamor; *Chefe do Partido*

Democrático, Joaquim Rosa; *Chefe do Partido Extremista*, Rolando Alves; *Primeiro Ministro*, Hugo Casais; *Secretário Particular*, Luís Machado; *Rainha-Mãe*, Eunice Muñoz; *Aia*, Maria de Jesus Aranda; *Jerónimo*, Carlos Cabral; *Manuel Fidúcias*, Baptista Fernandes; *Mestre Florêncio*, Branco Alves; *Gandaia*, Mário Sargedas; *Necas*, Victor de Sousa; *Volho Operário*, Carlos Santos; *Mirita*, Fernanda Figueiredo; *Caranguejo*, Andrade e Silva; *Mochó*, Gilberto Gonçalves; *O Profeta*, Costa Ferreira; *Pipocas*, Maria João Galope; *Bibi*, Dário de Barros; *Jornalista*, Jorge Sousa Costa.

7. O MEU CASO

Farsa em um acto.

Texto publicado em «Três Peças em Um Acto», 1957; 2.ª edição, 1969.

8. MÁRIO OU EU PRÓPRIO — O OUTRO

Episódio tragicómico em um acto.

Texto publicado em «Três Peças em Um Acto», 1957; 2.ª edição, 1969.

1.ª representação em 17 de Maio de 1958, no Teatro Avenida, de Coimbra, pelo Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, numa encenação de Paulo Quintela.

Representado por diversos agrupamentos universitários e experimentais, e na Casa da Comédia em 16 de Outubro de 1969, numa encenação de Norberto Barroca. Distribuição: *Mário*, Jorge Vale; *O Outro*, Victor de Sousa.

STUDIO DES CHAMPS-ELYSEES

JACQUES CHARPIN PRESENTE

... JACOB ET L'ANGE ...

de JOSE REGIO

Adaptation de J.B. JEENER

Sur un texte de A. RAIBAUD

Avec

FRANCOISE ADAM	GABRIEL JABOUR
ALTABERT	JACQUES JEANNET
JACQUES CHARPIN	JEAN MARC LAMBERT
LUIS DE LIMA	JEAN PIERRE LITUAC
JACQUELINE DIVES	ROBERT POSTEC
JEAN FULLER	CLAIRE STEPHANI

MISE EN SCENE DE JACQUES CHARPIN

DECORS ET COSTUMES DE JEAN DENIS MAILLART

MUSIQUE DE YVES CLAUDE - REALISATION SONORE KIRILOFF

BORNE : 819

ESLACHE LUXEM - ASCENCEURS

■

ALMA - FRANKLIN-ROOSEVELT

METRO :

Tel. : 84 00 87

CARTAZ DE *JACOB E O ANJO*

NO «STUDIO DES CHAMPS-ELYSEES» (PARIS, 1952)



JACOB E O ANJO

NO TEATRO POPULAR DE LISBOA (1968)



BENILDE OU A VIRGEM-MÃE

NO TEATRO NACIONAL D. MARIA II (1947), COM AMÉLIA REY-COLAÇO, MARIA BARROSO
E AUGUSTO FIGUEIREDO



MÁRIO OU EU PRÓPRIO — O OUTRO

PELO TEATRO DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (1958)



O Rei
de
Jacob e o
Anjo

Régio

O «REL» DE JACOB E O ANJO

DESENHO A TINTA DA CHINA DE JOSÉ RÉGIO



BENILDE

DESENHO A TINTA DA CHINA DE JOSÉ REGIO